

CB
28/7/96 16
144

Menor estuprada por índios kaiowás

É o segundo ataque a mulheres brancas na região de Brasilândia, Mato Grosso do Sul, por integrantes da mesma tribo

Celso Bejarano Jr.
e Roberto Naves
Da Meridional

Foi um longo caminho para M.A.A.S, 14 anos. Na tarde do último domingo, M. e duas amigas, também na faixa dos 13 a 14 anos, passeavam tranqüilamente na destilaria de álcool onde M. mora, em Brasilândia (MS), a 350 km de Campo Grande. Pouco depois de passarem por um grupo de índios kaiowás, que trabalham como bóias-frias no corte da cana na usina, as três meninas foram atacadas.

As amigas conseguiram fugir. M. não teve a mesma sorte. Arrastada para um bosque de eucaliptos, ela foi estuprada por um número ainda incerto de índios. O sofrimento só terminou quando chegaram policiais militares chamados por um rapaz que ouviu os gritos da menina. Dois índios ainda foram presos em flagrante.

Caso Paiakan não deu em nada

Não é a primeira vez que índios se envolvem em acusações de estupro de mulheres brancas. O caso mais famoso ocorreu há quatro anos. Durante a conferência internacional de ecologia, a Rio-92, o cacique caiapó Paulinho Paiakan foi acusado de estupro, torturar e tentar matar a estudante Sílvia Letícia da Luz Ferreira, então com 18 anos.

A índia Irekran, mulher do cacique, também teria participado dos ataques, de acordo com a acusação de Sílvia. Famoso mundialmente desde sua premiação pela Organização das Nações Unidas (ONU) por seu papel na luta pela ecologia, Paiakan era acusado justamente durante uma conferência internacional sobre o tema. Não foram poucos os ecologistas radicais que suspeitaram de *armação*.

O cacique negou o crime, mas confirmou ter mantido relações sexuais com a estudante. Ele tentou jogar a culpa na mulher, que teria tido um violento ataque de ciúmes. Desde então, Paiakan passou a viver sem poder sair de casa (prisão domiciliar), na aldeia A-Ukre, a 50km de Redenção, no Pará.

Dois anos depois, em novembro de 1994, ele e a mulher foram inocentados pela Justiça dos brancos. Apesar dos dois exames de corpo de delito que, na época do episódio, confirmaram a violência sexual em Sílvia, o juiz Elder Lisboa da Costa julgou não existirem provas suficientes para condenar o casal.

Além disso, o juiz considerou Irekran não-integrada à sociedade, o que impediria de ser culpada judicialmente por seus atos. (RN)

"Esses dois entregaram os outros, mas nem ela mesma sabe quantos índios foram. Ela só reconheceu sete", contou o inspetor João do Carmo Ferreira, da delegacia de Brasilândia, onde conversou por telefone com a reportagem do *Correio Braziliense*. Quatro índios maiores de idade estão presos na delegacia. Três menores foram liberados pela Justiça porque outro índio, maior de idade, comprometeu-se a responder por eles.

SEXO DIÁRIO

"O índio está acostumado a ter relações sexuais diariamente. Nas destilarias, a quilômetros de distância de suas aldeias, eles só convivem entre eles. Depois de 20, 30, 40 dias sem sexo, isso vai se agravando", alega o assessor jurídico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) do Mato Grosso do Sul, Maucir Pauletti.

O assessor do organismo de as-

sistência aos índios ligado à Igreja Católica não nega o crime. "Eles não podem deixar de ser punidos", reconhece. Entretanto, para ele, a tribo kaiowá deve ser ouvida antes da *Justiça dos brancos*. "Primeiro tem que ver o que a comunidade decide. Eles reúnem um conselho de índios para julgar os casos", alega.

Maucir conta que, em "casos mais graves", a pena chega a ser a morte, mas não sabe o que acontece para o estupro. "Esse crime não existe nas tribos", admite. Para os brancos, a pena prevista é de quatro a dez anos de cadeia.

PAIAKAN

"É a segunda vez que isso (índios em bando cometendo estupro) acontece em quatro anos. Eles são inimputáveis (não podem ser responsabilizados por crimes). Lembra-se do caso Paiakan (cacique caiapó acusado de estupro de uma branca em 1992)?", afirma o inspetor João.

Na verdade, os índios não estão acima da lei. Legalmente eles são de responsabilidade da Fundação Nacional do Índio (Funai). Uma comissão de antropólogos nomeada pela Justiça decide se o índio

tem noção dos crimes na cultura branca, o que permite o processo judicial.

"A coisa é complicada. A nossa preocupação é que se colocarem os quatro com os outros presos eles vão ser batizados (atacados sexualmente)", acrescenta Maucir. "Não houve manifestação dos outros presos", garante o inspetor João.

Depois de passar pelos exames médicos de praxe, que comprovaram o estupro coletivo, M. viajou a uma cidade perto de Campo Grande, segundo o inspetor da Polícia Civil de Brasilândia. Lá, ela teria se refugiado na casa de parentes para se recuperar.

Os dirigentes da Funai em Amambai (MS), na região da reserva kaiowá, adotaram a *política do avestruz* para o caso. O chefe de pessoal do posto local, José Wilson, informa que a Funai "espera documentos oficiais do caso". "Até agora só sabemos do caso por terceiros", resume.

FEIRA SEXUAL

Há alguns anos, os índios kaiowá da reserva de Dourados, no Mato Grosso do Sul, aderiram a uma forma inusitada e perigosa de

se satisfazerem sexualmente, batizada por eles como "feira".

Os indígenas, em grupo de oito a dez homens, embebedam uma índia, depois a estupram. Conforme declarações do líder kaiowá Anastácio Peralta, 35 anos, as vítimas da "feira" nunca aparecem, por medo ou vergonha.

O kaiowá garantiu que no ano passado duas índias se enforcaram após sofrer violência sexual. Uma delas, que morava na aldeia do Taoru, foi atacada por 11 índios.

A "feira" pode ter surgido em acampamentos das usinas localizadas próximas às aldeias, onde os índios trabalham como bóias-frias. Há cerca de uma década, lembra o líder, os empreiteiros de mão-de-obra passaram a contratar índias para trabalharem como cozinheiras nos acampamentos.

Nesse período, as índias, quando de volta às aldeias, contavam às suas famílias como eram tratadas pelos índios.

Nos fins de semana, os indígenas bóias-frias se embriagavam e atacavam as índias, estuprando-as. A ação nunca foi investigada, embora seja do conhecimento de órgãos

oficiais e de qualquer líder de aldeia.

Os índios solteiros parecem ter assimilado bem a "feira". Segundo Anastácio Peralta, a farra não ocorre só nas usinas. Casos semelhantes acontecem na reserva, geralmente em dias de festa.

LEANDRO E LEONARDO

Os guaranis-kaiowás, influenciados pela cultura branca, costumam promover bailes aos sábados e domingos. Preferem as músicas sertanejas que estão na moda, como melodias de Leandro e Leonardo ou Zezé di Camargo e Luciano. Os mais jovens gostam de sons mais agitados, como o pagode, por exemplo.

Na reserva de Dourados existem cerca de quatro bares. Todos vendem bebidas alcoólicas, como a pinga da marca *Vo Kiko*, considerada pelos entendidos no assunto como de "péssima qualidade". É a mais barata da região: custa R\$ 1,00 o litro.

No dia seguinte ao baile, surgem os boatos de que uma índia foi vítima da "feira". Segundo o líder kaiowá, os brancos também participam da festa na aldeia e da farra.



Paulinho Paiakan e a mulher Irekran: Justiça não encontrou provas suficientes para incriminar o casal, apesar da violência confirmada nos exames de corpo de delito da vítima.